

**CIDADE SEM NOME**  
revista eletrônica  
conto publicado em janeiro/2007

## **MICHELLA** *Marion the Chatelaine*

**Marina Sandeville Stavale Joaquim**

Michella sentou-se.

Fechou os olhos. Massageou-os. Tudo estava tão cansativo.

Expirou, suspirou. O barulho de sua respiração era calmante. Foi até seu toca-CD's. Abriu uma gaveta, tirou dela um CD do Al Stewart. Ao som de *Marion the Chatelaine*, voltou à sua cadeira, em sincronia. Apoiou-se, sentou-se. Apreciou a introdução...Seus pensamentos, por mais inquietantes que pudessem ter sido, agora não passavam de parte da ilustração daquela música tão calma, tão melodiosa. Uma sinfonia de *Folk Rock* preenchia todo aquele escritório gélido. Acalentava-o. O aposento distorceu-se, suas cores borraram-se e se mesclaram. De certo momento em diante, só havia aquela melodia harmoniosa em sua vida.

Balançava a cabeça, acompanhando o compasso do violão de notas delicadas e receosas. "*Whatever happened to this dream of mine*"...

Acompanhou a letra com a mente. A música invadiu-a. Michella transbordava uma melodia alheia. Respirou o ar saturado de sons. Mais fundo. Mais e mais, a música se fazia dela. Mais e mais, fazia-se ela.

A moça deslizou as mãos sobre os contornos musicais. Moldou-os à sua imagem; sorriu. Aquele era o bom do ar...Podia-se fazer qualquer coisa com ele; por mais que ele não obedecesse de verdade, você sentia-o escorregar por entre seus dedos, e podia acreditar que o conduzia.

A menina alimentou-se daquela música. Sua alma desnutrida ameaçava saciar-se. Não a devorava, por mais que se sentisse tentada. Queria saboreá-la...

Michella sentia-se recuperar aos poucos de sua anemia espiritual.

Respirou fundo. Mais uma vez. De novo. Abriu os olhos, e encarou os sons que bailavam por todo o aposento, a tal ponto que poderiam ter se sentido invadidos. Contudo, não se moveram diferente de sempre.

Fechou novamente os olhos. Absorveu o solo de violão final. Sentiu a mente descarregar-se. A melodia furtava seus pensamentos, ela não entendia por quê, pois eram tristes. Talvez a música se alimentasse de tristeza, uma vez que também era triste. Assim como Michella, precisava de pesares para se sentir recheada. Sem eles, a moça que estava ali sentada deliciando-se com sabores que espumavam e brigavam com o ar não tinha nada dentro de si; Michella não podia sentir mais nada. Somente a música poderia tirar dela a amargura e preencher o vazio deixado: fazia com que se sentisse completa, não o projeto de ser humano que sempre fora.

Sua imaginação tirou férias, viajou. Muitas cores novas, muitas formas novas, muitos novos ares, fluíam. Michella adormeceu quando Al Stewart tocou o acorde final.

Junho 2006

### **Nota dos Editores**

Os artigos publicados em **CIDADE SEM NOME** não refletem opinião ou concordância da equipe editorial da revista, sendo o conteúdo e a veracidade dos artigos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

Os autores ao submeterem os artigos a **CIDADE SEM NOME** consentem no direito de uso e publicação dos mesmos por meios eletrônicos e outros (eventualmente em parcerias com terceiros), com finalidades acadêmicas, culturais e artísticas, de debate e divulgação de informação. Ou seja, os artigos publicados passam a fazer parte do acervo de **CIDADE SEM NOME**.